

COLLIN DE PLANCY

# A VAMPIRA DE BAGDÁ

E OUTRAS HISTÓRIAS SOBRENATURAIS



FREE BOOKS

**COLLIN DE PLANCY**

**A VAMPIRA DE BAGDÁ  
E OUTRAS HISTÓRIAS SOBRENATURAIS**

Tradução de Paulo Soriano



*Free Books*

2023

# CRÉDITOS

**Título:** A Vampira de Bagdá e outras Histórias Sobrenaturais.

**Autor:** Collin de Plancy (1793 – 1881).

**Tradutor:** Paulo Soriano

**Imagem da capa:** Alexandre Brongniart ((1770-1847).

**Imagem do miolo:** Autor desconhecido do séc. XIX.

**Editora:** Free Books Editora Virtual.

**Ano de Publicação:** 2023.

**Local de publicação:** Salvador/BA.

**© da tradução:** Paulo Soriano, 2023





## SUMÁRIO

CRÉDITOS.....	3
A VAMPIRA DE BAGDÁ.....	5
O ESPÍRITO INTIMADO PELA JUSTIÇA .....	12
HARPE, O MORTO-VIVO .....	16
O BRUCOLACO.....	18
O FANTASMA DE BODRY .....	20
UM CRIME ATERRORIZANTE .....	24
O DEMÔNIO ABRAEL .....	28
O ENFORCADO .....	31

## A VAMPIRA DE BAGDÁ

**N**um subúrbio de Bagdá, no século XIV, vivia um velho comerciante, que acumulara uma fortuna considerável, e tinha por herdeiro dessas grandes posses um filho por ele muito amado. O ancião havia decidido dar ao herdeiro, como esposa, a filha de um de seus confrades, também comerciante, com o qual mantinha laços de amizade em razão de suas frequentes viagens.

Embora muito rica, essa jovem era muito feia. E o amável Abou-Hassan — assim se chamava o filho do velho mercador —, a quem foi mostrado o retrato da mulher a ele destinada, pediu um tempo para decidir sobre aquele casamento.

Certa noite, enquanto caminhava sozinho, sob a suave luz da Lua, nos campos vizinhos a Bagdá, o rapaz ouviu uma voz melódica, que entoava alguns versos do Alcorão, acompanhada de uma guitarra. Ele atravessou o bosque que ocultava a jovem cantora e

se viu ao pé de uma casa de campo, em cuja varanda, sombreada pela erva movediça, havia uma mulher incrivelmente sedutora.

Ele não se fez notar senão por sinais de respeito e amor. Mas a janela se fechou novamente e ele retornou bem tarde para a casa paterna, sem saber se fora realmente visto.

Na manhã seguinte, após a oração da alvorada, voltou ao sítio onde havia visto a encantadora moça, por quem o jovem já ardia com um amor inexcedível. Ele fez mil perguntas e descobriu, com alguma dificuldade, que a sua beldade tinha dezessete anos; que não era casada; que era filha de um sábio homem que não tinha ouro para dar ela, mas que a educara nas mais sublimes ciências. Essa revelação inflamou-o ainda mais.

Desde então, tornou-se impossível o casamento planejado pelo pai. Ele foi ao encontro do velho homem, dizendo:

— Pai, o senhor sabe que até agora sempre lhe fui obediente. Mas hoje eu ousou implorar-lhe que me conceda uma esposa de minha escolha.

Então expôs ao pai a repugnância que sentia pela mulher que lhe fora proposta e o seu amor pela sedutora desconhecida.

O ancião fez algumas objeções. Mas, vendo que o filho era arrastado por uma fatalidade irresistível, não mais impôs empecilhos à sua felicidade.

O jovem procurou o velho sábio e pediu a filha em casamento. Os dois amantes se viram. Idolatraram-se, e o casamento foi realizado.

Para expressar a felicidade do jovem, seria preciso senti-la. Ao final de três meses, embriagado pelos mais ternos prazeres, Aboul-Hassan, tendo despertado no meio da noite, percebeu que a sua jovem esposa havia deixado o leito conjugal. A princípio, pensou que um acidente imprevisto — ou uma indisposição repentina — havia motivado aquela ausência, mas resolveu esperar. Todavia, Nadilla — este era o nome da jovem — não voltou até uma hora antes do raiar dia. Aboul-Hassan, que começava a ficar impaciente — notando que ela voltava com um ar assusta-

diço e passos misteriosos —, fingiu estar dormindo e, sem demonstrar qualquer ansiedade, resolveu aclarar o incidente um pouco mais tarde.

Nadilla nada falou sobre a sua ausência noturna. E, na noite seguinte, após as carícias mais ternas, escapou gentilmente dos braços do marido, que pensava estar dormindo, e saiu conforme habitualmente o fazia.

Aboul-Hassan apressou-se em vestir-se. Seguiu-a de longe e fez desvios bastante longos. Finalmente, viu a mulher entrar num cemitério; ele fez o mesmo. Nadilla mergulhou numa grande tumba, iluminada por três lâmpadas funerárias. Qual não foi a surpresa de Abul-Hassan quando viu sua bela jovem esposa, a quem ele amava tanto, rodeada por vários *ghouls*<sup>1</sup>, que lá se reuniram lá todas as noites para seus deleites terríveis!

Desde as bodas, ele notara que sua esposa não comia nada à noite. Mas ele não extraiu

---

<sup>1</sup> *Ghoul*: ente demoníaco, necrófago, da mitologia árabe.



dessa observação qualquer consequência infeliz.

Ele logo viu um desses *ghouls* trazendo um cadáver ainda fresco, ao redor do qual todos os outros se acercaram. A ideia que lhe ocorreu foi a de dissipar essas estriges hediondas. Mas ele não era forte o bastante: decidiu devorar a própria indignação.

O cadáver foi cortado em pedaços e os *ghouls* o comeram, entoando canções infernais. Então enterraram os ossos e se separaram depois de se beijarem.

Aboul-Hassan, que não queria ser visto, voltou apressadamente para a cama, onde fingiu dormir até de manhã.

Durante o dia, ele nada comentou sobre o que tinha visto. Contudo, quando veio a noite, instou a sua jovem esposa a compartilhar consigo uma leve refeição. Nadilla, como sempre, escusou-se com uma desculpa. Aboul-Hassan insistiu por um longo tempo e, finalmente, exclamou, com raiva:

— Você prefere ir jantar com os *ghouls*!

Nadilla não respondeu, empalideceu, tremeu de raiva e, silenciosamente, foi dormir com o marido.

No meio da noite, imaginando que ele mergulhara em profundo sono, ela disse, com uma voz sombria:

— Agora, há de expiar a tua curiosidade sacrílega.

Ao mesmo tempo, ela se ajoelhou no peito dele, agarrou-o pela garganta, abriu-lhe uma veia e se preparou para beber-lhe o sangue. Tudo isso foi obra de um momento.

O jovem homem, que não estava dormindo, escapou violentamente dos braços daquela fúria e, brandindo um golpe de adaga, deixou-a morrendo ao seu lado.

Imediatamente, ele gritou por socorro. Pensou o ferimento que tinha na garganta e, no dia seguinte, a jovem *ghouleh*<sup>2</sup> foi sepultada.

Contudo, três dias depois, no meio da noite, ela reapareceu ao marido, lançou-se sobre ele e tentou sufocá-lo novamente. A adaga

---

<sup>2</sup> Feminino de *ghoul*.

de Aboul-Hassan era inútil em suas mãos. Ele somente encontrou a salvação numa rápida fuga.

Aboul-Hassan abriu o túmulo de Nadilla, que foi encontrada como se estivesse viva e parecia respirar em seu caixão.

Seguiu à casa do sábio, que se passava por pai daquela mulher infeliz. Ele confessou que sua filha, casada dois anos antes com um oficial do califa, tendo cedido à devassidão mais infame, havia sido morta pelo marido. Mas que ela havia reencontrado vida em seu sepulcro; que ela voltou para a casa de seu pai; em uma palavra, que ela era uma mulher vampiro.

O corpo foi exumado. Foi queimado em uma pira de madeira perfumada. Suas cinzas foram jogadas no Tigre. E a Arábia foi libertada de um monstro...

## O ESPÍRITO INTIMADO PELA JUSTIÇA

No ano de 1761, um agricultor de Southam, County Warwick, na Inglaterra, foi assassinado quando voltava para casa.

No dia seguinte, um vizinho foi procurar a esposa do falecido e perguntou se seu marido havia retornado. A boa mulher respondeu que não, e que estava muito preocupada com isto.

— Seus temores não podem igualar-se ao meu — respondeu o homem. — Esta noite, o espectro de seu marido apareceu diante de mim coberto de feridas. Disse-me que havia sido assassinado por seu amigo, John Dick, e que o seu cadáver fora lançado num poço de marga.

A mulher, assustada, realizou as buscas. O corpo ferido do marido foi mesmo encontrado no poço, exatamente no local designado pelo fantasma. Aquele a quem o fantasma acusou foi imediatamente aprisionado e posto

nas mãos do tribunal como suspeito do homicídio. Instruiu-se o processo criminal em Warwick e o júri teria condenado John Dick, sumaria e temerariamente, como havia sido a sua prisão pelo juiz de paz, se Lorde Raymond, o presidente da corte, não tivesse adiado o julgamento.

— Creio — disse aos membros do júri — que os senhores estão a conferir um valor excessivo ao testemunho de um defunto, um peso desproporcional ao merecido. Embora um caso como este cause espécie, não temos o direito, neste ponto, de seguir as nossas inclinações pessoais. Somos um tribunal de justiça e devemos nos ater aos ditames da lei. Eu não conheço lei alguma que admita o testemunho de um fantasma. E, mesmo que o admitisse, o espectro não compareceria à corte para dar o seu testemunho.

E, voltando-se ao pregoeiro, disse:

— Meirinho, chame a alma do morto.

O oficial de justiça obedeceu, e chamou o espírito por três vezes, mas o espectro não apareceu.

— Senhores — prosseguiu Lorde Raymond —, o prisioneiro é, segundo o testemunho de muitas e honradas pessoas, homem de uma reputação ilibada. Além disto, não veio à tona, nas investigações, qualquer informação de que houvesse motivo de desavença entre ele e o defunto. Portanto, acredito na absoluta inocência do réu. E, como não há, contra ele, nenhuma prova direta ou indireta, deve ser posto em liberdade. Mas, de muitas circunstâncias que me causaram impressão neste processo, infiro que o homem que alegou ter visto o fantasma é o verdadeiro assassino. De toda sorte, é muito fácil concluir que ele pôde indicar precisamente o lugar, o poço de marga, as feridas, e descrever outras minúcias associadas ao crime, sem a necessidade de qualquer ajuda sobrenatural. Por conseguinte, creio-me no direito de mandar prendê-lo até que novas e mais amplas investigações sejam realizadas.

De fato, aquele homem foi preso e realizaram-se inspeções em sua casa. Acharam-se várias provas que o associavam ao crime e ele

acabou por confessá-lo. Pouco tempo depois,  
foi executado.

## HARPPE, O MORTO-VIVO

**T**homas Bartholin, escritor do século XVII, conta, em homenagem a um antigo mago chamado Landela, cuja obra jamais foi impressa, a seguinte história, provavelmente ocorrida entre os séculos XIII e XIV:

Um homem do Norte chamado Harppe, estando à beira da morte, ordenou que sua esposa o enterrasse, de pé, em frente à porta da cozinha, para que ele não perdesse completamente o cheiro dos guisados que lhe eram caros, e pudesse ver, à vontade, o que estava acontecendo em sua casa.

A viúva cumpriu dócil e fielmente o que o marido havia ordenado. Poucas semanas após a morte de Harppe, muitas vezes ele aparecia na forma de um horrível fantasma que matava os trabalhadores e espancava os vizinhos, e de tal sorte que ninguém ousava permanecer na aldeia.

Todavia, um camponês, chamado Olaüs Pa, foi impávido o suficiente para atacar



aquele vampiro: deu-lhe um grande golpe com uma lança, deixando-a mergulhada na ferida aberta.

O espectro desapareceu e, no dia seguinte, Olaüs abriu-lhe a sepultura. Encontrou a sua lança no corpo de Harppe, fincada no mesmo lugar onde ele havia atingido a aparição.

O cadáver não estava corrompido. Desenterraram-no, queimaram-no e jogaram suas cinzas no mar. Assim, cessaram as macabras aparições.

## O BRUCOLACO

Certo homem, que morrera excomulgado, em razão de uma transgressão que havia cometido em Morea, foi enterrado, sem cerimônias fúnebres, num lugar apartado e não em terra santificada.

Em seguida, viram-se os habitantes aterrorizados por contínuas aparições que atribuíam àquele infeliz.

Abriam-lhe o sepulcro e encontraram o seu cadáver inchado, mas incólume e íntegro. As veias estavam cheias do sangue que havia sugado, o que permitiu que fosse reconhecido como um *brucolaco*, nome que os gregos dão aos vampiros ou espectros de excomungados.

Os gregos e os turcos acreditam que os cadáveres dos *brucolacos* alimentam-se durante a noite, passeiam e fazem a digestão do que ingeriram. Contam, também, que, desenterrando esses vampiros, encontram-nos corados, tendo as veias salientes em razão da quantidade de sangue que chuparam. Dizem

que, quando se lhes abrem os corpos, saem jorros de sangue tão fresco quanto o de um jovem de temperamento sanguíneo.

Depois de haverem deliberado o que haviam de fazer com o cadáver, os monges gregos emitiram o juízo de que deveriam desmembrar o corpo, reduzindo-o a pedaços, e pô-lo a ferver em vinho, porque era assim que, desde os mais remotos tempos, eram tratados os *brucolacos*.

Todavia, puseram o corpo na igreja, onde oraram todos os dias por seu repouso. Uma manhã, enquanto o monge celebrava a missa, ouviu-se no caixão uma espécie de estouro. Aberto o ataúde, encontraram o corpo dissoluto, apresentando-se como costuma estar o de um defunto aos sete anos de enterrado.

Notou-se o momento em que se ouviu o ruído: aconteceu, como depois ficou constatado, no mesmo instante em que o patriarca assinou a absolvição pedida.

## O FANTASMA DE BODRY

O Sr. Bodry, filho de um rico comerciante de Lião, foi enviado, aos 22 anos de idade, a Paris, munido de cartas de recomendação de seus pais a seu correspondente, que não o conheciam pessoalmente.

Abastecido de uma soma grande o suficiente para viver folgadoamente em Paris por algum tempo, associou-se, para acompanhá-lo na jornada, a um amigo sumamente divertido.

Mas, ao chegar, uma febre violenta atacou Bodry. Seu amigo, que permaneceu junto a ele o dia todo, não queria deixá-lo, e se negava a tanto, apesar dos veementes pedidos de que partisse, já que ele somente empreendera aquela viagem para comprazer o amigo, e não conhecia ninguém em Paris.

Bodry, então, suplicou ao amigo que se apresentasse na casa do correspondente de sua família sob o seu nome e lhe entregasse as cartas de recomendação, ao argumento de que

ele poderia, mais tarde, quando melhor, esclarecer aquela situação.

O jovem anuiu a esta tão singular proposta e, fazendo-se passar por Bodry, dirigiu-se à casa do correspondente, a quem apresentou as cartas trazidas de Lião. Representou muito bem o seu papel e foi bem recebido.

No entanto, ao retornar à pousada, encontrou Bodry em muito mal estado de saúde e, apesar de todos os cuidados que devotou ao amigo, teve a infelicidade de perdê-lo naquela mesma noite.

Embora soubesse que não lhe era possível sonegar a notícia da morte do amigo ao correspondente, perguntava-se como confessar o engodo que perpetrara em tão triste circunstância. Não vislumbrando um meio de justificar-se daquela burla, concluiu que, em dizendo a verdade, estaria exposto às mais injuriosas suspeitas, sem ter senão a boa-fé para de balde eludi-las. Apesar de tudo, não podia deixar de cumprir os últimos deveres para com o seu amigo e era impossível deixar de

convidar o correspondente a esta lúgubre cerimônia.

Estas diversas reflexões, mescladas à dor que sentia, arrastaram-no a uma grande dúvida. Mas uma ideia original veio, de repente, a elidir as suas incertezas. Pálido, desfigurado pela fadiga, abatido pela tristeza, apresentou-se às dez horas da noite na casa do correspondente, o qual, admirado daquela visita a uma hora tão inesperada, e, bem assim, pela mudança em sua fisionomia, perguntou-lhe pelo motivo de sua visita e se havia acontecido algum infortúnio.

— Ai de mim! Cavalheiro, ocorreu-me o maior de todos os infortúnios! Morri nesta manhã e venho convidá-lo a assistir ao meu funeral, que será amanhã.

Aproveitando-se do estupor que acome-teu todos os presentes, fugiu sem que ninguém fizesse um só movimento para o deter.

Acreditando que o jovem enlouquecera, o correspondente se encarregou de ir, no dia seguinte, com o seu filho, para lhe dar os socorros que o seu estado estivesse a exigir.

Chegados à pousada, deparam-se, estarecidos, com os preparativos funerários. Perguntam por Bodry e lhes respondem que morrera no dia anterior e que estavam prontos para enterrá-lo.

Ao ouvirem, aterrorizados, aquela resposta, não duvidaram da morte do rapaz, já que a alma do defunto se lhes havia aparecido, e voltaram para comunicar os seus temores a toda família, à qual jamais se pôde fazer crer o contrário.

## UM CRIME ATERRORIZANTE

O Tribunal de Justiça de Haute-Marne julgou, em fevereiro de 1857, um caso que tem sua raiz em uma horrível superstição.

Segundo a acusação, agricultores da comuna de Heuillez-le-Grand viviam numa fazenda isolada e, devido a esse mesmo isolamento, numa tranquilidade que nada parecia perturbar. Todavia, em 21 de janeiro, um crime horrível, talvez único nos anais da justiça, veio a lançá-los no luto e na desolação.

O marido, Jean-Baptiste Pinot, saía para o trabalho de manhã cedo, e sua esposa, depois de certificar-se de que seu filho de onze meses, que estava deitado em seu berço, dormia profundamente, juntou-se a ele. Como o celeiro aonde ela iria trabalhar ficava a apenas alguns passos da casa de sua casa, não se preocupou em trancar as portas.

Os afazeres duraram algum tempo. A Sra. Pinot foi primeiro para casa, para se certificar de que a criança ainda dormia. Quão apa-



vorada ela ficou quando viu que o berço estava vazio!

Fizeram-se, imediatamente, buscas, que resultaram inúteis. Somente no dia seguinte, à tarde, descobriu-se, escondido sob feixes de palha, num estábulo da fazenda, o corpo completamente nu da criança, terrivelmente mutilado.

A cabeça, que havia sido separada do corpo por um instrumento afiado, não pôde ser encontrada. Cortes profundos, feitos em um dos ombros, indicavam que o assassino pretendia cortar o corpo em pedaços, para fazê-lo desaparecer.

O crime fora constatado, mas quem seria o assassino, e que objetivo conduzira o seu braço? A pobre vítima mal tinha onze meses; a suspeita logo recaiu sobre um homem que estava a serviço da fazenda. Os seus antecedentes despertaram aquela desconfiança. Ladrão habitual desde a infância, fora condenado, por furto, a dois anos de prisão e, para escapar à Justiça, mudara de nome; ele havia substituído seu nome de Vautrin por Morisot.

Este homem tinha vinte e quatro anos. Era taciturno, buscava o isolamento e havia repetidamente dado provas de fria crueldade. Com a notícia do desaparecimento da criança, Vautrin empalideceu; e, em vez de se lançar ativamente às buscas, como os demais, mostrou-se sombrio e preocupado, tentando direcionar as suspeitas a um criado de seu empregador, que teria raptado a criança para cortar-lhe a cabeça e lavar consigo aquele crânio para os castelos.

Mas essa estranha declaração, feita antes de que alguém soubesse que a cabeça da criança havia sido mutilada, foi uma revelação. Ela indicava o móvel e o objetivo do crime.

Vautrin admitiu, no dia seguinte, que ouvira dizer que o crânio de uma criança assassinada tinha a propriedade de tornar o portador invisível e de permitir que um ladrão, usando aquele crânio como uma lanterna, penetrasse impunemente nas casas. Vautrin acreditava nessa odiosa superstição; assim, ficou explicado o motivo do crime e da mutilação.

Vautrin foi preso. O esclarecedor interrogatório que se seguiu confirmou as suspeitas que pesavam sobre ele. As investigações, ademais, revelaram que, por trás dos arbustos, havia restos de camisas e calças sujas de sangue e lama pertencentes a Vautrin, que as reconheceu como suas. A cabeça da vítima também foi encontrada em um bosque próximo e, a poucos metros de distância, uma velha boina listrada que pertencera ao acusado. Na audiência judicial, Vautrin se fechou, completa e sistematicamente, em negações. Mas os depoimentos das testemunhas foram tão contundentes que o veredicto do júri foi afirmativo e sem atenuantes, pelo que Vautrin foi condenado à pena de morte.

## O DEMÔNIO ABRAEL <sup>3</sup>

**A**brael é um demônio súcubo cuja aventura é esta:

“No ano de 1531, na aldeia de Dalhem sobre o Mosa, um pastor, chamado Pierront, que, sendo casado, tinha um menininho com a sua mulher, apaixonou-se perdidamente por uma donzela de sua aldeia.

Um dia, no campo, enquanto pensava naquela donzela, o demônio apareceu-lhe sob a figura da jovem cobiçada.

Tendo Pierront declarado o seu amor a quem pensava ser a donzela, a aparição lhe prometeu corresponder às suas ternuras, com a condição de que se entregaria a ela e lhe obedeceria em tudo.

Pierront consentiu, consumando o seu abominável amor com aquele espectro.

---

<sup>3</sup> Narrativa elaborada a partir do texto de Nicholas Rémy (1530 – 1616).

Algum tempo depois, Abrael pediu ao pastor, como prova de seu amor pela donzela, cuja fisionomia encarnava, que sacrificasse seu filho único em sua homenagem. A tanto, deu-lhe uma maçã para que o menino comesse. Este, apenas ao prová-la, caiu imediatamente morto. O pai e a mãe, vendo o lamentável acontecimento, caíram em desespero, chorando inconsolavelmente.

Abrael apareceu novamente ao pastor e lhe prometeu restituir o filho à vida, se o pai quisesse pedir-lhe esta graça, prestando-lhe culto de adoração que somente é devido a Deus.

O camponês ajoelhou-se e adorou Abrael. Imediatamente, o menino reviveu, abrindo os olhos. Por conta de fricções corporais, que o aqueceram, o garoto voltou a falar e a andar. Parecia o mesmo de antes, embora mais magro e abatido; tinha os olhos inexpressivos e afundados nas órbitas e os seus movimentos estavam mais lentos e pesados.

Ao cabo de um ano, o demônio, que animava o garotinho, abandonou-lhe o corpo

com um grande estrépito. O menino caiu de costas, e o seu corpo infecto, que exalava um odor insuportável, foi arrastado por um gancho para fora da casa de seu pai e enterrado no campo sem cerimônia alguma.”

## O ENFORCADO <sup>4</sup>

**É** cediço que é possível ganhar em todos os jogos quando se tem a corda de um enforcado no bolso.

Como um soldado de boa compleição física havia sido enforcado, alguns jovens cirurgiões pediram permissão para dissecar-lhe o cadáver.

Concedida a permissão, os jovens médicos foram, às dez horas da noite, pedir ao carasco que lhes entregasse o supliciado. Mas o verdugo, que já estava deitado, respondeu que não queria se levantar e que eles próprios poderiam recolher o corpo.

Enquanto se decidiam, o mais audacioso desgarrou-se silenciosamente do grupo, correu na frente, vestiu a camisa e se escondeu sob a sua capa ao pé da forca, esperando os demais.

---

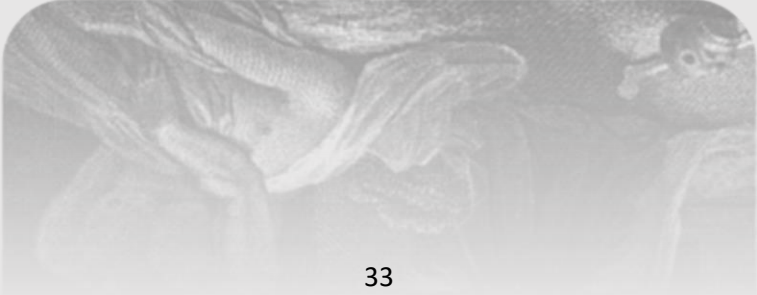
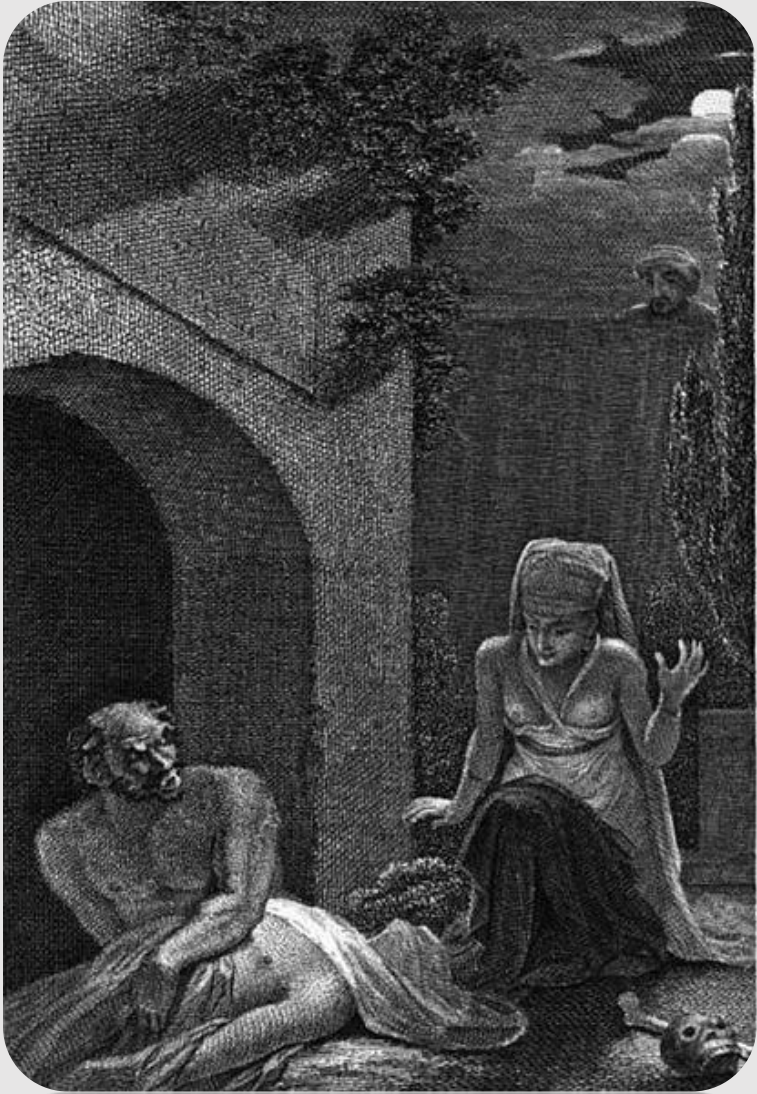
<sup>4</sup> Narrativa elaborada a partir do texto de Pierre Le Loyer (1550 – 1634).

Quando os companheiros chegaram, o mais ousado subiu a escada e começou a cortar a corda para fazer o corpo cair. Mas, de repente, o que se adiantara, e que se escondera no cadafalso, apareceu e disse:

— Quem é você? E por que veio roubar o meu corpo?

A essas palavras, e à vista do fantasma branco que guardava o patíbulo, os jovens fugiram aterrorizados. O que estava na escada pulou sem contar os degraus, pensando que o espírito do enforcado já o segurava. E por muito tempo esses pobres cirurgiões não puderam tranquilizar-se.







## *Free Books*

<http://www.freebookseditora.com/>

---

Na composição deste livro, empregaram-se as fontes Palatino Lynotype, Brush Script

MT, Cloister Black, 001 Medieval Daze e AgsanalUPC.;

---